

**MANAUS, AM, 22 DE AGOSTO DE 1996**

Queria expressar a minha satisfação nesta visita, agradecer ao General o convite que me fez e dizer que, depois de ter ouvido a exposição do General Pedrozo, reforça-se em mim o sentimento da importância da presença do Exército em todo o Brasil, mas principalmente na Região Amazônica.

O que nós vimos aqui mostra que a presença militar quase se confunde com a própria história da integração da Amazônia na comunidade nacional. Se outras razões eu não tivesse, seria até de cunho pessoal. O meu avô comandou a região do Pará e meu pai esteve exilado em Óbidos, depois da Revolução de 22. De modo que a Região Amazônica, no meu caso pessoal, é uma região de que tenho, por vários lados, conhecimento, e também pela via militar.

Eu dizia, quando o General Pedrozo me trouxe até aqui, que li, uma vez, um relatório militar muito importante sobre a Amazônia. Eu escrevi um livro sobre a ocupação no Pará, e todos os relatórios que me ajudavam a formar opinião, com mais objetividade, sobre o Amazonas foram feitos por dois militares; não recordo quem foi o outro general que tinha feito um relatório ao qual eu tive acesso.

Nos dois havia aquilo que se vê, de novo, hoje, aqui: um íntimo conhecimento da região, essa intimidade com a região, essa presença física e esse contato com as autoridades.

Aqui se viu o cuidado com que o Governador Amazonino foi referido, estimulado pelo General Zenildo, porque é o poder político que presta assistência ao Exército, mas sobretudo o contato das Forças Armadas com a população.

Não é a primeira vez que venho aqui como Presidente da República. Eu subi o rio, mas somente até Novo Airão – fui com a Marinha, daquela vez. O navio era mais confortável do que esse que nós vimos hoje. Mas fomos até Novo Airão e vi, também ali, essa presença militar, no sentido de que, então, se prestava, como aqui, assistência médica à população local. E todo o sistema logístico, toda a infra-estrutura de atendimento às populações, em grande parte, depende da estrutura militar.

Acho que, apesar de todas as dificuldades, que, eu sei, são muitas, nós vamos caminhando. O General Pedrozo me falou da Calha Norte. Já o Zenildo me falou, há pouco, de algo que nós vimos hoje que o Exército está fazendo – algo que foi feito já sob o meu Governo –, o que mostra que, com todas as dificuldades, nós temos procurado manter aquilo que é necessário para o País.

Ainda recentemente, eu autorizei – o General Zenildo sabe disso – um reforço para que nós possamos equipar melhor as nossas Forças Armadas. Devo, também, reconhecer o sentido de uma compreensão imensa para com as dificuldades do País. Não posso registrar, especialmente no caso do Exército, nenhuma pressão, se é que essa palavra cabe, quando se refere ao Presidente da República, nenhuma pressão, nem a mais remota, no sentido de obter aquilo que sabemos que não se pode. E também os ministros militares sabem, como os ministros civis sabem, que o Presidente, o Governo em geral faz o que pode, dentro das circunstâncias; e reconhecem a necessidade do profissionalismo, no apoio material e, sobretudo, no incentivo moral, na prestigiação àqueles que, com tanto empenho, se dedicam a melhorar as condições de vida do povo brasileiro e a assegurar as condições de soberania do nosso país.

Eu concordo com o que disse o General Pedrozo no fim. Também tenho esse mesmo espírito de confiança muito forte não só nas nossas potencialidades, mas também nas nossas realizações. O Ministro da Ciência e Tecnologia, Professor Israel Vargas, tem insistido muito em se referir a certos dados que são conhecidos, mas que, muitas vezes, não o são em termos de sua quantificação. Eles mostram que, nos últimos cem anos, só o Japão pôde competir com o Brasil em termos de crescimento e de transformação das estruturas. Só o Japão.

E como nós, freqüentemente, vivemos momentos de dúvidas e como existe, também, às vezes, um certo pessimismo, que não se justifica, acho que convém sempre ressaltar o lado positivo da crença em nós próprios e a capacidade que temos de planejar, de divisar o futuro e de seguir um caminho que leve à obtenção daquilo que nós desejamos.

Tenho referido, mais recentemente, para transmitir ao País aquilo que eu sinto, que nós estamos entrando no que chamo de uma terceira onda. Tomamos de empréstimo títulos e concepções bastante conhecidos a respeito das estratégias mundiais. Nós estamos, efetivamente, entrando numa fase de grandes investimentos no Brasil.

Hoje mesmo, os que puderam estar comigo, nesta tarde, viram que aqui, na Amazônia, o Governo Federal está destinando dinheiro para a área de infra-estrutura. E me referi às comunicações. Basta falar do Sivam, que os senhores sabem o quanto eu me empenhei para que fosse possível a obtenção do Sivam. Quanta incompreensão a respeito de um projeto que é vital para assegurar informações sobre o nosso país e garantir um futuro melhor para aqueles que vivem nessa região, inclusive do ponto de vista Sipam, ou seja, aquilo em que o Embaixador Sardenberg insiste tanto, que o aspecto civil desse programa é de uma relevância enorme.

Pois bem, além desse programa de comunicações, nós também tomamos já decisões e estamos começando a implementar – e reconheço, mais uma vez, a ação do Governador Amazonino – a BR-174. A ação de muitos daqui da Amazônia me motivou a fazer que a BR-364 fosse, realmente, objeto do que se necessita, ou seja, que ela possa ter condições de tráfego, de maneira muito ativa. Além disso, nós já tomamos

decisões, que começam a ser implementadas, para a exploração de gás em Urucu, o que vai mudar a matriz energética da região e mudar para uma energia mais saudável, mais limpa e, ao mesmo tempo, mais barata. Isso é muito importante. Hoje, eu tomei novas decisões para aumentar a produção de petróleo aqui, no Amazonas, e a produção das destilarias também, para passar para 45 mil barris.

Nós já estamos implementando o chamado linhão de Tucuruí, que vai permitir que, até Belém, nós tenhamos a possibilidade de realmente ter energia elétrica, de tal maneira que as populações locais se beneficiem disso e o desenvolvimento econômico possa ocorrer.

Estamos, aqui, aumentando a produção energética para o Distrito Industrial de Manaus. Enfim, temos uma visão que integra, em termos de energia e de transporte; e, no caso dos transportes, notadamente, o aproveitamento do rio Madeira, de tal forma que, saindo de Porto Velho, possamos chegar até Manaus e, depois, até Itacoatiara, de onde, também com a ação do Governo do Estado e com a ajuda do BNDES para a produção das embarcações necessárias, nós vamos exportar a nossa soja e os nossos grãos produzidos em Mato Grosso, produzidos em Rondônia. O preço pode chegar até a um terço do que eles alcançam, porque hoje a soja tem que sair pelo porto de Santos, dando uma volta imensa, arrebentando as estradas e utilizando um meio de transporte que é caro. E isso a partir de setembro, é isso, Governador? Nós já podemos começar a ter essa produção, portanto, na próxima colheita; já vamos poder utilizar essa via.

Sempre se falou da importância da hidrovia, e nós a estamos fazendo. E não só lá, ou melhor, aqui na região do rio Madeira: nós a estamos fazendo também a Araguaia-Tocantins.

Estamos fazendo-a também no rio São Francisco. E, quando se vêem os números, pasmem, é baratíssimo, em comparação com qualquer outro tipo de transporte. São investimentos de algumas dezenas de milhões de reais.

Não obstante, por mais que se falasse do assunto – porque certamente as pessoas viram a importância –, não tive sequer ainda a possibilidade, pela inflação, pela desordem do aparelho estatal, de

ver uma maneira continuada de chegar-se à utilização efetiva da hidrovia. Vocês sabem que a hidrovia implica, também, a linha da modernidade. É preciso passar de um barco menor para um barco maior, muitas vezes da estrada de ferro para a hidrovia. E assim vai. Mas nós estamos mudando. Pelo menos, temos absoluta confiança de que, em poucos anos, o Brasil terá mudado a sua estrutura básica. E isso vai permitir que essa nova onda de investimentos encontre uma infra-estrutura adequada, para que possamos continuar a crescer.

E, por fim, com esse mesmo espírito que vejo, aqui, tão presente nas Forças Armadas, é fundamental que tudo seja feito olhando para a pessoa, para o ser humano: olhando, seja para o índio, aqui, seja para a população ribeirinha, seja para a pessoa que precisa de emprego, seja para aquele que está, como se diz, no Sul, favelado, e aquele que está na classe média, aquele que já tem uma melhor condição de vida e que vai precisar também de estímulo em termos de profissionalização, em termos de uma carreira para si e para seus filhos.

Hoje, o Ministro Krause fez uma exposição mostrando – e aí também com a ajuda dos governadores – o quanto se tem desenhado uma nova concepção de que é possível explorar a Amazônia sem destruir a floresta, sem danificar o meio ambiente: pelo contrário, mantendo as condições da sua reprodução e, portanto, a reprodução do futuro da própria vida, da vida humana. Isso requer uma atenção toda especial a certos programas que cheguem até à população mais carente, e é o mais difícil no Brasil.

Permito-me repetir o que disse há pouco: nós estamos fazendo um esforço imenso para transformar certas instituições brasileiras que não estão preparadas para atender ao mais pobre; e, mesmo quando se decide que assim seja, nós não encontramos a capilaridade para chegar à população mais pobre.

Eu dei um exemplo que darei de novo, aqui: hoje, a Caixa Econômica dispõe de recursos, porque nós a pusemos em ordem. Depois de três anos sem publicar balanços – agora, ela teve até lucro no primeiro semestre –, ela tem recursos, mas aqueles que precisam não têm acesso a esses recursos por causa da burocracia, da papelada imensa,

da incapacidade que se tem, ou até hoje se teve, de criar estruturas que atendam aos mais necessitados, ou que precisam de 5 mil reais, de 10 mil reais, de 50 mil reais.

Até com o BNDES – o Presidente do BNDES veio aqui ao Amazonas hoje –, até com o BNDES nós estamos mexendo para mudar a mentalidade nesse banco importantíssimo, que criou muita riqueza no Brasil, mas que concentrou também muita riqueza, porque emprestava volumes enormes de recursos a juros baixos a quem já tinha muito. Era necessário, porque era preciso construir uma indústria. Mas, agora, é necessário espriar essa riqueza. O BNDES, então, está não só desenvolvendo linhas para a pequena e média empresas, mas até mesmo operando no estilo daquilo que se chama de Banco do Povo, ou seja, fazendo com o Sebrae acordos – o Sebrae, que é uma organização que chega mais próximo à pequena empresa – para que pequenos empréstimos possam ser dados, claro que não diretamente pelo BNDES, mas ele dá o aval, dá o dinheiro, repassa-o às instituições.

Os senhores conhecem a realidade brasileira, sabem que não é fácil, sabem que isso é um processo. Muitas vezes eu ouço: “Ah, falta vontade política.” Se fosse por vontade política, eu tenho certeza de que quase todos os brasileiros que chegam à posição em que eu estou hoje apertariam um botão para que as coisas melhorassem. É óbvio. Se não melhoram, muitas vezes, não é porque não se queira. Não há uma crítica mais, digamos, autoritária do que imaginar que, havendo uma decisão, as coisas acontecem. Não acontecem. Precisa haver uma motivação. Só acontecem se houver uma reestruturação, um encadeamento de ações, uma parceria com os governadores, com os prefeitos, com a sociedade, com as instituições não-governamentais, como numa nova mentalidade.

E, certamente, esse Brasil com que eu também concordo é um Brasil pleno de potencialidades. A presença dos senhores aqui na Amazônia é um testemunho vivo da nossa crença. A nossa crença é a de que, com persistência, com recursos escassos, imaginando formas alternativas, buscando atender até os que vivem na região, nós conseguiremos criar uma civilização, como estamos criando, capaz de

conciliar um grande desenvolvimento, os grandes desafios da globalização com as peculiaridades da nossa situação, de um país tão vasto, tão desigual, mas que tem uma imensa riqueza, que é o ser humano que nele habita.

É com esse espírito que eu agradeço muito e tenho certeza de que, em São Gabriel da Cachoeira, ou em Yauaretê, nós veremos, ainda com mais força, tudo aquilo que foi exposto pelo General Pedrozo – amanhã, com o General Zenildo e com todos os que vão me acompanhar. Lamento que os ministros todos não tenham podido me acompanhar. Tiveram que voltar para Brasília. Só ficaram o Ministro Krause, que é o ministro da selva, e o Ministro Sardenberg, que é de Assuntos Estratégicos; fora os militares e o Ministro Sérgio Amaral, que está pegando gosto pelas coisas da selva, não é? Lamento não terem podido vir todos, mas os que forem comigo, tenho certeza, vão ver, muito diretamente, tudo aquilo que foi exposto pelo General Pedrozo.

Muito obrigado e parabéns aos senhores.

